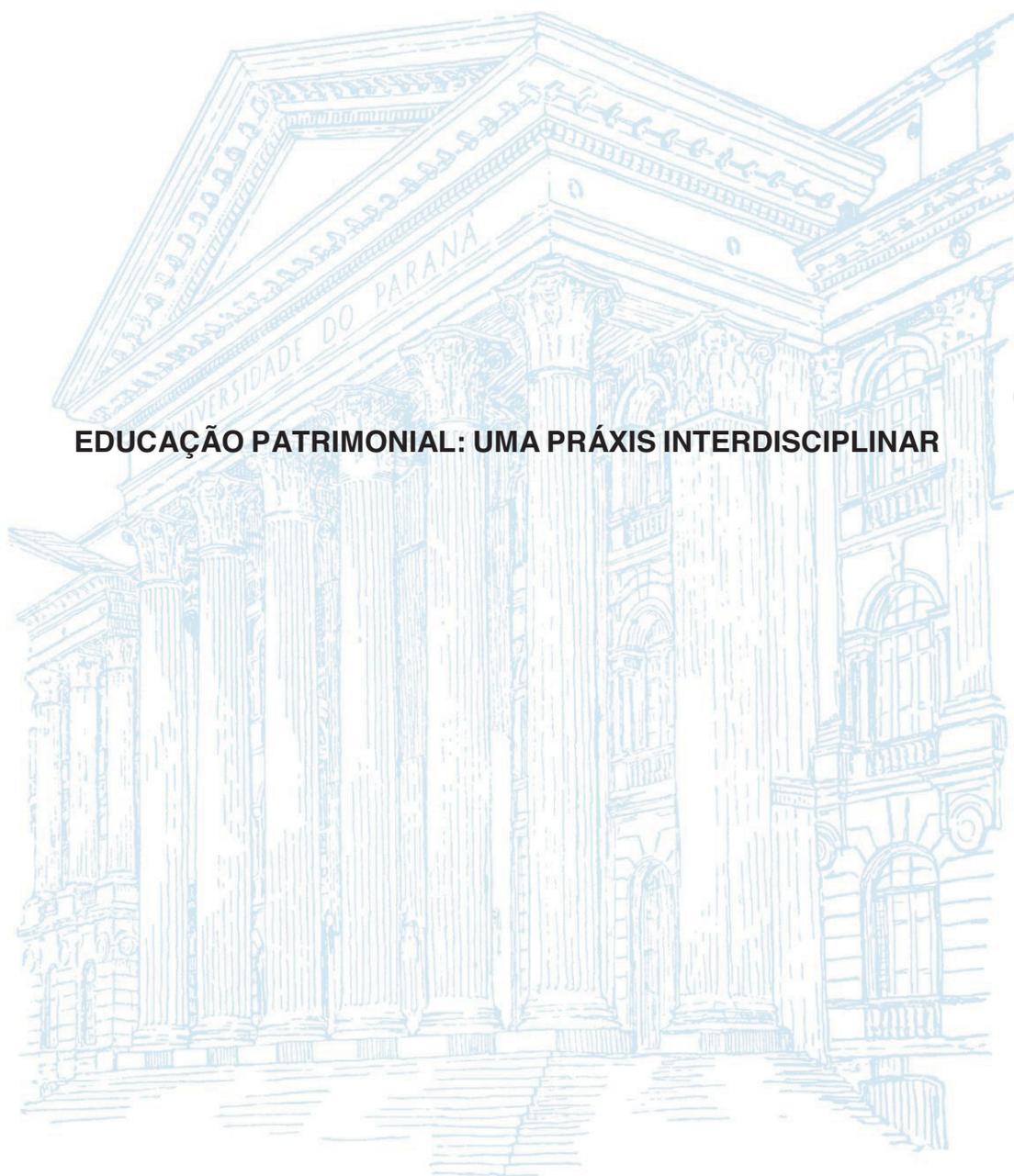


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LOUINE HENRIETH DE MOURA CORREIA

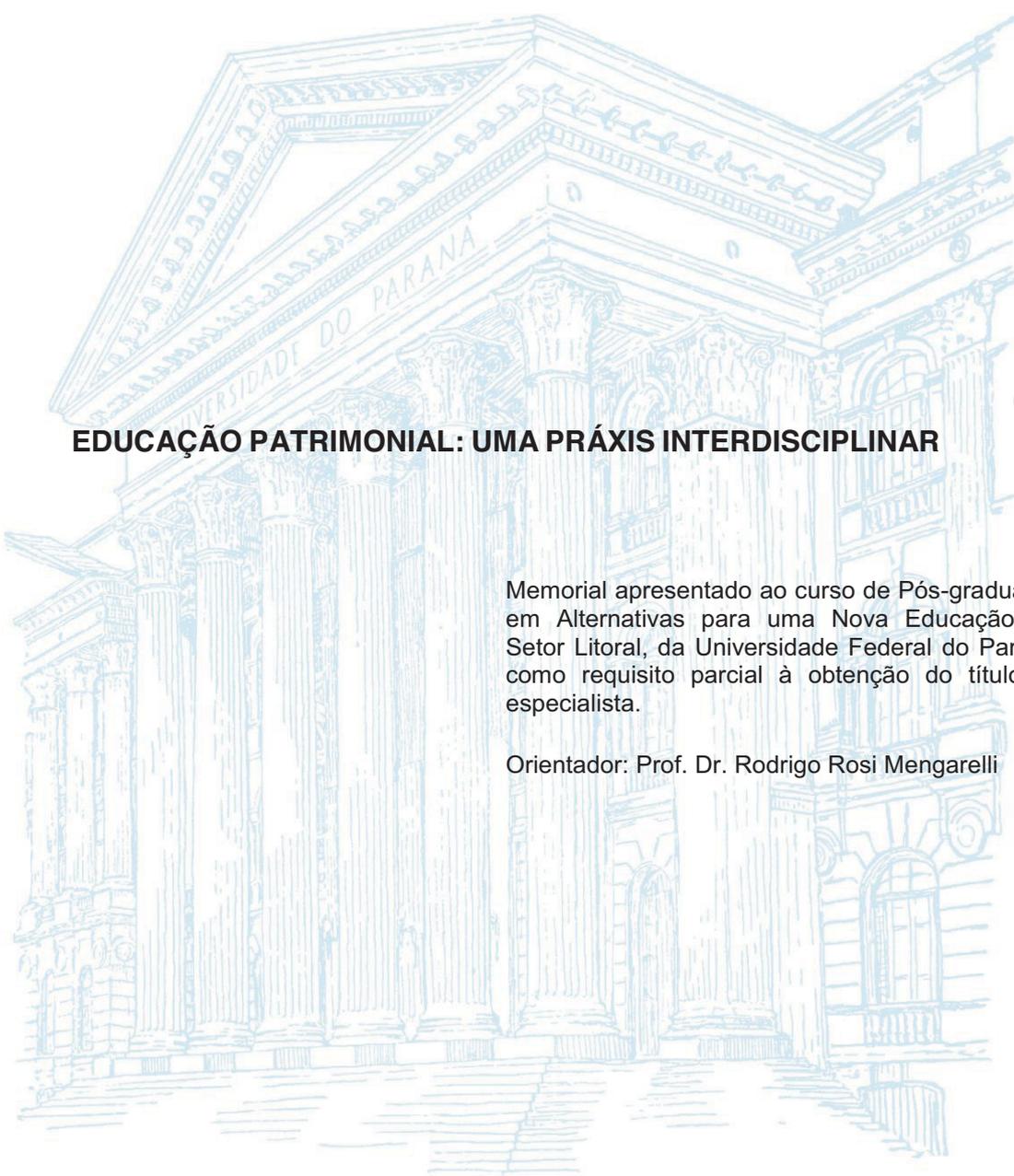


EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PRÁXIS INTERDISCIPLINAR

MATINHOS

2018

LOUINE HENRIETH DE MOURA CORREIA



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PRÁXIS INTERDISCIPLINAR

Memorial apresentado ao curso de Pós-graduação em Alternativas para uma Nova Educação, do Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rosi Mengarelli

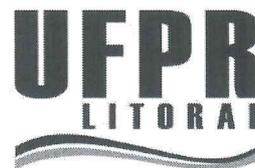
MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO



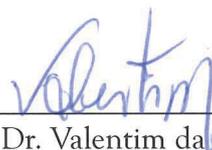
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor **Dr. Rodrigo Rosi Mengarelli**, realizaram em 29 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Louine Henrieth de Moura Correia** sob o título “EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PRÁXIS INTERDISCIPLINAR”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo sido “APROVADA”.

Matinhos, 29 de junho de 2018.



Dr. Rodrigo Rosi Mengarelli
Professor Orientador



Dr. Valentim da Silva
Professor Integrante



Dra. Vanessa Marion Andreoli
Professora Integrante



Louine Henrieth de Moura Correia
Estudante

Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena

AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente

AI = Aprendizagem Insuficiente

“A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome... Se ele tiver fome, mesmo que não haja queijo, ele acabará por fazer uma maquineta de roubá-los. Toda tese acadêmica deveria ser isso: uma maquineta de roubar o objeto que se deseja...”

Ruben Alves (2002)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao Deus de amor, que me sustentou até aqui;
Aos meus queridos pais Luiz Henrique Correia e Wanderleia Mafra de Moura;
Ao meu amado companheiro Jaderson Cordeiro Cardoso;
Aos professores e colegas da ANE, que me acompanharam nesta incrível
caminhada pela trilha do conhecimento;
A saudosa amiga e grande artista, Sonia Carmona.

RESUMO

O presente memorial tem como objetivo o registro de minha vivência como aluna do curso de especialização da UFPR Litoral e do projeto desenvolvido durante o curso, no qual trago a educação patrimonial trabalhada de maneira interdisciplinar, como alternativa para uma vivência mais intensa da cidade e apropriação do espaço escolar por se tratarem de duas escolas que funcionam em prédios patrimonializados. Neste trabalho buscou-se trazer uma reflexão sobre a importância da apropriação e ressignificação de espaços urbanos na cidade de Paranaguá para uma educação contra-hegemônica, que visa desenvolver no aluno o pensamento crítico não fragmentado, para além dos muros da escola.

Palavras-chave: Educação. Patrimônio. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

El presente memorial tiene como objetivo el registro de mi vivencia como alumna del curso de especialización de la UFPR Litoral y del proyecto desarrollado durante el curso, en el cual traigo la educación patrimonial trabajada de manera interdisciplinaria, como alternativa para una vivencia más intensa de la ciudad y apropiación del espacio escolar por tratarse de dos escuelas que funcionan en edificios patrimonializados. En este trabajo se buscó traer una reflexión sobre la importancia de la apropiación y resignificación de espacios urbanos en la ciudad de Paranaguá para una educación contrahegemónica, que pretende desarrollar en el alumno el pensamiento crítico no fragmentado, más allá de los muros de la escuela.

Palabras clave: Educación. Patrimonio. Interdisciplinariedad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 MEMÓRIAS DE VIDA.....	9
3 TRAJETÓRIA NA ANE.....	10
3.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO.....	13
3.2 BREVE HISTORICO DAS INSTITUIÇÕES EM QUE O PROJETO FOI DESENVOLVIDO	14
3.2.1 Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha.....	14
3.2.2 Colégio Estadual Helena Viana Sundin.....	15
4 O PROJETO “EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PRÁXIS INTERDISCIPLINAR”	16
4.1 JUSTIFICATIVA.....	18
4.2 OBJETIVOS.....	19
4.2.1 Objetivo Geral.....	19
4.2.2 Objetivos Específicos.....	20
4.3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO.....	20
4.4 CRONOGRAMA.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PRÁXIS INTERDISCIPLINAR

Louine Henrieth de Moura Correia

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Louine Henrieth de Moura Correia

Brasileira, arte-educadora, graduada pelo curso de Licenciatura em Artes pela Universidade Federal do Paraná- Litoral, pós-graduanda do curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação da UFPR- Litoral, nascida em 18 de julho de 1990 em Paranaguá Pr. Filha de Luiz Henrique Correia e Wanderleia Mafra de Moura Correia.

1 INTRODUÇÃO

O presente Memorial tem como objetivo apresentar minha trajetória como parte de um coletivo que se formou em 2017, onde demos início a primeira turma da especialização em Alternativas para uma Nova Educação- ANE. Aqui relato memórias de minha experiência dentro de um coletivo e no trabalho desenvolvido ao longo do curso.

No primeiro momento (Memórias de vida) onde descrevo minha escolarização e os problemas por mim enfrentados para que o leitor entenda minhas escolhas tanto pelo curso, quanto pelo tema do projeto. No segundo momento (Trajetória na ANE) apresento minhas experiências enquanto aluna do curso, nas vivências nos encontros presenciais, e nas experiências das CONANES (CONANE Nacional e CONANE Caiçara). Apresento também, um relato de experiência dentro do projeto desenvolvido durante a ANE e as reflexões que essas experiências me proporcionaram. Dentro deste mesmo tópico, o projeto mais detalhadamente e um breve histórico com informações sobre as instituições elencadas: Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha e Colégio Estadual Helena Viana Sundin.

Por fim, as considerações finais onde coloco, o quanto foi importante as trocas de experiências dentro da ANE e como penso uma educação contra

hegemônica após ter cursado uma especialização diferenciada, que vai contra o método vigente e de encontro as necessidades do aluno do século XXI.

2 MEMÓRIAS DE VIDA

Sou Louine Henrieth de Moura Correia, nascida em Paranaguá-PR no dia 18 de julho de 1990. Onde resido até a presente data. Licenciada em Artes pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Atuei como professora contratada da Rede Estadual de Ensino do Paraná, e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID). Atualmente bolsista no programa de extensão “Programa de ações educativas do MAE/PROEC, Museu de Arqueologia e Etnologia- UFPR.

Oriunda da escola pública, filha de motorista e professora, minha primeira escolarização teve uma trajetória difícil, visto as dificuldades que enfrentei por ter um grau de dislexia, sendo reprovada mais de uma vez por aprender diferente e estar inserida em um contexto tradicional de educação. Dificuldades que são enfrentadas, por muitos estudantes que não conseguem se adequar aos moldes da educação do nosso país que ainda é tradicional. Sem possibilidade de concorrer à cota social pela minha condição de filha de pais trabalhadores que, mesmo com uma renda familiar muito baixa, não se enquadravam às exigências para que pudesse concorrer à vaga.

Minha mãe entendeu que eu precisava de ajuda quando cheguei ao ensino médio e desde então é minha leitora. Muitas crianças são incompreendidas e rotuladas de “preguiçosas” “incapazes” ou “imaturas” e chegam ao final da sua escolarização sem receber o atendimento que pode mudar a trajetória de suas vidas. Quando minha mãe percebeu que eu precisava de ajuda, (o que todos os professores desde a educação infantil ao ensino médio não conseguiram perceber) ingressou para a universidade e isso teve um impacto muito grande em nossas vidas. Com todas as minhas dificuldades ingressei na universidade, no curso de Licenciatura em História, que era a minha paixão desde pequena, no ano de 2010. A paixão de minha mãe pela educação e com família de professores acabou por me influenciar na escolha do curso. No decorrer do curso me interessei pela relação entre Arte e História e frequentei por dois anos, enfrentando muitas dificuldades acabei por adiar por mais algum tempo o sonho de me tornar também Historiadora.

No ano de 2012 ingressei na Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, no curso Licenciatura em Artes. Uma universidade com um Projeto Político Pedagógico diferenciado, que me proporcionou uma formação interdisciplinar direcionada a pesquisa, onde me permitiu avançar na vida acadêmica e acreditar que poderia ir mais além. Instituição essa que me possibilitou unir de maneira interdisciplinar minhas três áreas de interesse, Arte, História e Educação, abrindo novos caminhos para minha pesquisa. Concluí o curso em setembro de 2016, como Arte-educadora, apresentando o TCC “Trabalho de Conclusão de Curso”, titulado: “A Obra de Arte como Fonte para uma Interpretação Histórica: Um estudo das Obras de Juan Manuel Blanes” onde teve como orientadora a Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas.

Durante minha formação fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID, com projetos nas áreas: Dança, Teatro, Artes Visuais e Música. Também bolsista do Projeto de Ações Educativas no MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná em Paranaguá, em 2015, retornando ao projeto em 2018 até a presente data. O presente projeto, me oportuniza experiências significativas e importantes para a minha formação enquanto pesquisadora na área do patrimônio e educação. A experiência no Museu possibilita uma aproximação importante no que se refere à cultura caiçara parnanguara e patrimônio material e imaterial.

3 TRAJETÓRIA NA ANE

Após o término do curso de graduação, logo se deu o processo seletivo do curso de pós-graduação em nível de especialização em Alternativas para uma nova Educação. Nesse curso pude compartilhar experiências e conhecer através das interações e dos projetos que se deram no período, novas alternativas para uma nova educação, uma educação que contemple o indivíduo em suas especificidades e que atenda de maneira integral as suas necessidades, unindo o conhecimento historicamente construído com a prática e vivência que o aluno traz, conhecimentos adquiridos com as experiências no âmbito familiar e social.

O processo da ANE é sobretudo, um processo de transformação de si mesmo. Para além de novas metodologias de ensino, a ANE propõe quebras de

paradigmas e um novo olhar para os espaços educacionais, buscando uma educação contra-hegemônica que transcenda os muros da escola, possibilitando troca de experiências entre educadores, colegas da ANE e comunidade. Essa troca de experiência contribuiu sobremaneira para o projeto que desenvolvi durante o curso.

Na ANE, tive a oportunidade de trocar experiências com educadores de todo o Brasil, como na CONANE Nacional em Brasília, em julho de 2017. Nessa conferência ouvimos grandes educadores e conhecemos projetos inovadores na educação. Mas não foi apenas na conferência que tivemos a oportunidade de aprender, a viagem durou em torno de 32 horas devido a quebra de um dos ônibus, mas isso não foi problema para nós e assim tivemos muito tempo para troca de experiências e nos aproximamos ainda mais do grupo.



CONANE Nacional. Arquivo da autora.



CONANE Nacional. Arquivo da autora.

Na III CONANE caiçara também tivemos experiências inesquecíveis, principalmente por ser nessa CONANE que tivemos a oportunidade de apresentar o projeto desenvolvido durante o curso.

Participei dos eventos que faziam parte dos projetos de meus colegas, como as oficinas que juntos ofertamos em uma escola de Matinhos, escola onde uma de nossas colegas (Samira) trabalha. Também participei do “Domingão da Desformação”, evento organizado por vários colegas que, visava apresentar a proposta da ANE para outros profissionais da educação que ainda não conheciam o Curso.



CONANE Caiçara. Arquivo da autora



“Domingão da Desformação”.

Foi de meu interesse entrar no campo da educação patrimonial, justificando estar inserida numa sociedade com grande importância histórica em que os olhares e trajetórias, a partir de representações, memórias e narrativas, tecem uma história única a partir das experiências de cada indivíduo. Minha intenção foi direcionar um olhar para a cidade como espaço de memória na formação da identidade local, e

como as ações educativas na área do patrimônio se articulam com as escolas e comunidade do litoral paranaense no que concerne à educação patrimonial e a valorização da cultura local.

Acredito que a educação patrimonial como área de conhecimento nos possibilita trabalhar outras ciências de maneira multidisciplinar. Nesse sentido, elegi trabalhar: Arte, Patrimônio e Matemática entendendo o potencial interdisciplinar do patrimônio cultural.

A sociedade contemporânea tem sua lógica e se constrói a partir das necessidades humanas e nessa dinâmica a educação tem um papel fundamental na construção desses saberes que não estão retidos apenas nas ciências, mas partem das experiências e vivências entre os pares. Por tanto à educação não se confere apenas o conhecimento científico pronto e acabado, mas, também o conhecimento empírico, prático, a experimentação, o conhecimento no qual a ciência se embasou. Foi a partir das necessidades do homem é que surgiu a ciência, ou seja, foi pela experiência vivida que o homem descobriu uma maneira de “promover” a solução de problemas do cotidiano. Mas é perceptível um distanciamento da ciência com o conhecimento do cotidiano, da experiência vivida. A experiência, como a do pescador que não precisa consultar o meteorologista para saber se vai dar peixe ou não, basta olhar a lua, a direção do vento. Experiências essas, transmitidas pelos antepassados.

Neste sentido, ao ato de educar recai uma responsabilidade e compromisso ético, numa sociedade com necessidades complexas de perpetuar a vida na terra.

3.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO

O projeto surgiu da amizade entre uma arte-educadora e uma professora de matemática, duas áreas de conhecimento distintas. Mas nas longas conversas descobrimos uma afinidade em comum: a vontade de construir um conhecimento não fragmentado, através de experiências que poderiam ser compartilhadas com os seus alunos e entre seus pares. Desse modo, tecendo relações, pudemos desenvolver uma prática significativa com potencialidade para uma construção de saberes contínua e compartilhada, pois, sabemos que, não se constrói uma educação de qualidade e integral se não houverem contribuições e experiências

compartilhadas. Através das experiências compartilhadas na ANE, pude perceber que para uma educação com novas alternativas, era preciso entender o contexto em que esse aluno estava inserido, mais que isso, pudemos entender, ser fundamental que o próprio aluno ressignificasse o espaço compartilhado por ele e pela comunidade.

As escolas onde o projeto foi desenvolvido estão situadas próximas ao Centro Histórico de Paranaguá. São elas: Instituto Estadual de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha, e Colégio Estadual Helena Viana Sundin.

3.2 BREVE HISTORICO DAS INSTITUIÇÕES EM QUE O PROJETO FOI DESENVOLVIDO

3.2.1 Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha

De acordo com o site do Núcleo Regional de Educação, o edifício que abriga o Instituto foi construído em 1924 com a implantação da pedra fundamental na gestão do governo de Dr. Caetano Munhoz da Rocha. Em 1927, no aniversário de Paranaguá nos seus 279 anos, foi implantada a Escola Normal pelo próprio presidente de Estado Dr. Caetano, ano em que foi concluída a obra localizada na rua R. João Eugênio, 894 - Costeira, Paranaguá – PR.

A construção tem características neoclássicas “Seu aspecto foi sutilmente encomendado para incutir nos anseios de quem o habita, a vontade de transmitir ideias”. Seu desenho tem a forma de um anfiteatro a céu aberto, moda popular nos meios sociais europeus. A Escola Normal formava professores da época e o magistério foi seu primeiro curso profissionalizante. Por não ser permitido que moças saíssem à noite naquela época, a Escola Normal funcionava nos períodos da manhã e tarde.

Neste mesmo tempo a produção agrícola de café e chá estava no auge, e o Paraná tornava-se um dos maiores produtores e exportadores da região. Os armazéns de Paranaguá na época achavam-se em plena atividade operacional. Na época o porto era a principal atividade econômica das famílias parnanguara.

O então governador Paulo Pimentel instaura no Estado, com o decreto nº 6217, uma reforma administrativa, onde elevou a instituição de Escola Normal para

Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha e Escola de Aplicação - Anexa. Em 31 de agosto é centralizada a administração de todos os grupos de Paranaguá no Instituto. Entre eles o Grupo Escolar Helena Viana Sundin e escolas dos municípios de Antonina, Morretes, Guaraqueçaba e Guaratuba. Forma-se um único Complexo escolar, função que hoje exerce, o Núcleo Regional de Educação de Paranaguá.

Em 19 de fevereiro de 1976, um novo decreto de nº 1642/76, reorganiza todo o sistema administrativo de descentraliza e lhes dá autonomia. Assim o Instituto passa a denominar-se Instituto de Educação “Dr. Caetano Munhoz da Rocha” – Ensino Regular e Supletivo de 1º Grau e Ensino Regular de 2º Grau.

Hoje o Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha abriga, as modalidades: Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Magistério em Nível Médio. Atendendo mais de 1700 alunos, atende também alunos com necessidades especiais na área da deficiência auditiva e surdez, matriculados nas modalidades Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Formação Docente (Magistério) e conta com o apoio do Centro de Deficiência Auditiva de Paranaguá. (CEDAP), com professores interpretes de Libras, que atuam sob a orientação do setor de educação especial do Núcleo Regional de Educação de Paranaguá e do DEIN/SEED. O Instituto também conta com uma Sala de Recursos, onde alunos com dificuldades de aprendizagem são atendidos por professores especialistas, e os alunos atendidos são oriundos também de outras escolas.

Foi constatado, através de conversas e questionário aplicado em sala de aula que, mesmo como a suntuosidade de suas dependências e a mesma sendo tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), seus alunos tem pouca ou quase nenhuma relação como o monumento.

3.2.2 Colégio Estadual Helena Viana Sundin

Também localizada no bairro da Costeira na Avenida Coronel José Lobo, 466, o Colégio Estadual Helena Viana Sundin teve sua inauguração em 23 de maio de 1953 como casa escolar, e assim permaneceu até 24 de abril de 1964, quando passou a funcionar como Grupo Escolar da Costeira como aulas em dois turnos, manhã e tarde. O período noturno só foi acrescentado em 05 de maio de 1965 passando assim a chamar-se Grupo Escolar Noturno da Costeira. Em 28 de

novembro de 1966 seu nome foi novamente alterado a pedido da Câmara Municipal de Paranaguá, e passou a chamar-se Grupo Escolar Helena Viana Sundin, em homenagem à grande Mestre parnanguara falecida em 1966. Em 1976, foi regulamentado o funcionamento das 5as e 6as séries do Ensino de 1o Grau.

Pelo Decreto no 1642/1976 de 24/02/76 o Grupo Escolar Helena Viana Sundin e o Grupo Escolar Noturno da Costeira se uniram e passaram a ser um único estabelecimento de ensino: a Escola Estadual Helena Viana Sundin Ensino Regular e Supletivo de 1a Grau. Alguns anos depois, com a implantação de Ensino Médio, de acordo com a Resolução no 293/1982 de 17/02/1982 passou definitivamente a chamar-se Colégio Estadual Helena Viana Sundin.

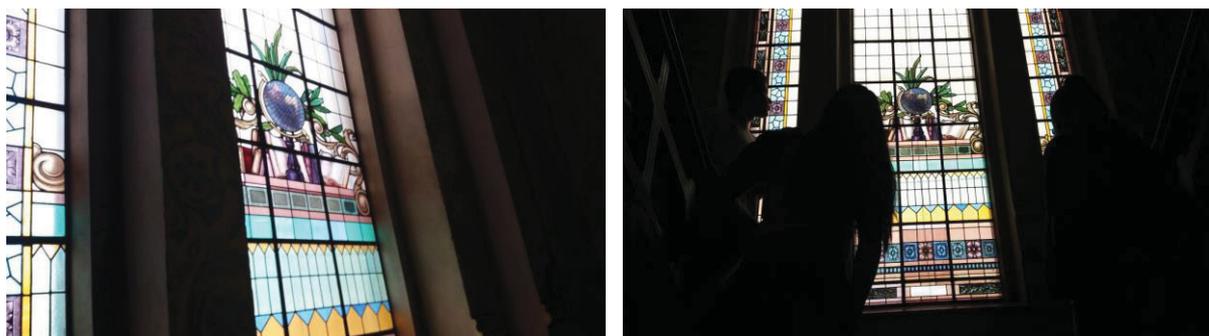
Atualmente o Colégio atende apenas com o Ensino Fundamental. A maior parte dos estudantes são oriundos de outros bairros mais distantes, sendo a minoria da comunidade local. O bairro onde a escola está inserida é um bairro voltado à empresas, indústrias e próximo ao Porto. Possui alunos de baixa renda. Este bairro fica próximo ao centro histórico da cidade, mas quando questionados sobre se frequentam ou tem algum tipo de relação com o patrimônio arquitetônico da cidade, os alunos responderam que não, e a maioria vai muito pouco ou quase nunca ao centro histórico.

4 O PROJETO “EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA PRÁXIS INTERDISCIPLINAR”

As ações de preservação de bens culturais têm início no Brasil a partir da década de 1930. Foi a promulgação do Decreto-Lei n. 25 em 1937, um marco jurídico importante nesse período, e está vigente até o presente. Assim como a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), na mesma época, foi importante para constituir uma referência institucional na execução de políticas públicas de proteção e difusão dos bens culturais e planejamento dessas ações.

(...) a metodologia da **Educação Patrimonial** visa explorar e utilizar todo o potencial que os bens culturais preservados oferecem como recursos educacionais, desenvolvendo as habilidades de observação, análise, atribuição de sentidos, contextualização e valorização do patrimônio. (Grinspum, 2000,pg 29)

Na década seguinte, em 1948, como a criação do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico e a Divisão de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural marcam o início de um olhar mais atento do estado do Paraná para essas questões. Em 1953 foi sancionada a Lei Estadual n. 1.211, que dispõe sobre o Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Estado do Paraná.



Vitrais do Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha Neto. Arquivo da autora.

O processo de redemocratização brasileira em meados da década de 1980 e os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, com a promulgação da Constituição Federal em 1988 reafirmando os valores e princípios democráticos para a vida social e a cidadania, também foram fundamentais para um olhar mais atento às questões patrimoniais. Os artigos 215 e 216 do texto constitucional declaram o “direito a cultura”, a garantia de “acesso às fontes da cultura nacional”, além do apoio e incentivo à “valorização e difusão das manifestações culturais”. Assim, a noção de patrimônio cultural desdobrou nas dimensões material imaterial, cabendo observar que essa última foi regulamentada em escala nacional no ano de 2000, com a edição do Decreto Federal n. 3.551 e apenas no ano de 2016 no estado do Paraná. Segundo Moura:

A patrimonialização dos bens culturais encontra tradução na ideia de herança e/ou legado às presentes e futuras gerações. Nesse sentido, os processos administrativos de inventário, registro, vigilância, desapropriação e tombamento nas hipóteses de patrimônio material podem contemplar ações de preservação que incluem desde edificações públicas e/ou particulares, espaços destinados às manifestações artístico-culturais, conjuntos urbanos, sítios de valor arqueológico tais como os sambaquis do litoral brasileiro ou mesmo de valor histórico, artístico, ecológico e científico, além das formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver etc. (Moura, 2017, pg 5)

Este projeto pretende colaborar no plano de “valorização da diversidade étnica e regional” (art. 215), ao voltar sua atenção para o centro histórico da cidade de Paranaguá. Ao escolher a educação patrimonial como tema, acredito ter contribuído para pensarmos possíveis ações interdisciplinares que aproximem políticas públicas e práticas pedagógicas voltadas à arte, educação, cultura e cidadania.

4.1 JUSTIFICATIVA

Assim como a maioria das cidades brasileiras, Paranaguá também enfrenta problemas sociais e econômicos. A população no passado vivia em seu cotidiano, os bens culturais. Hoje a falta de políticas públicas e o incentivo ao acesso a esses bens culturais, marginalizou o cidadão parnanguara.

A presente pesquisa se revela, um instrumento de elevação de uma autoestima baixa de nossos estudantes, bem como a reflexão acerca dessa baixa intensidade no que se refere ao acesso aos bens culturais. Trazer essas questões, a valorização de bens patrimoniais e a sua importância para esse reconhecimento como cidadão pertencente à um lugar que é compartilhado por todos, onde a vida se mantém e se reproduz, no trabalho, no lazer, no conhecimento é, em nosso entendimento necessário para uma aprendizagem significativa e não fragmentada.

Para Edgar Morin a condição humana é essencial, entendendo que somos seres indivíduos, mas com uma essência em comum, vivemos em sociedade, e ensinar a condição humana deve ser objeto da educação do futuro. E esse objeto não é contemplado no modelo da educação vigente. Mesmo complexos e diversos enquanto seres humanos, temos um bem que é comum a todos, a natureza, o mundo, o espaço onde vivemos e dele fazemos parte e temos uma responsabilidade que também é comum a todos, o de fazer uma sociedade mais humana e igualitária, esse é o papel da educação do futuro, neste sentido Morin coloca que ensinar a identidade terrena é parte essencial no processo de ensino.

Acreditamos que estabelecer relações com o local que ele pertence e levar os estudantes a pensar no espaço compartilhado é possível através da Educação Patrimonial. Assim o projeto tem o intuito de trazer um novo olhar para esse patrimônio e a intenção de potencializar os estudantes, para que ele próprio

construa em seu cotidiano, e sua maneira de viver, um outro tipo de acesso aos seus bens patrimoniais e culturais do lugar a que pertence. Esse outro olhar a que se propõe o projeto e o conhecimento do patrimônio arquitetônico, com seus elementos distintos, a importância que teve no passado e a suas transformações e reapropriações no presente, é uma ferramenta importante de conservação e cuidado desse patrimônio, mas para além da preservação, buscamos a fruição estética no sentido de usufruir esteticamente desses espaços, para que ele torne-se mais que um monumento cristalizado. Nessa pesquisa mais do que “Conhecer para preservar”, propomos o “Conhecer para Usufruir”.



Museu de Arqueologia e Etnologia UFPR
Arquivo pessoal da autora.



Igreja da Ordem de São Francisco das Chagas
Arquivo pessoal da autora.

4.2 OBJETIVOS

4.2.1 Objetivo Geral

A presente projeto, tem como objetivo discutir o tema “Educação Patrimonial” e propor um caminho possível para o trabalho docente na educação básica, a interdisciplinaridade. Buscou-se uma aproximação de dois campos de conhecimento aparentemente distintos e desconexos, as Ciências Exatas e Humanas, mas que tendo um objetivo em comum traz sentido a esta justaposição, neste caso, o conhecimento não fragmentado.

4.2.2 Objetivos Específicos

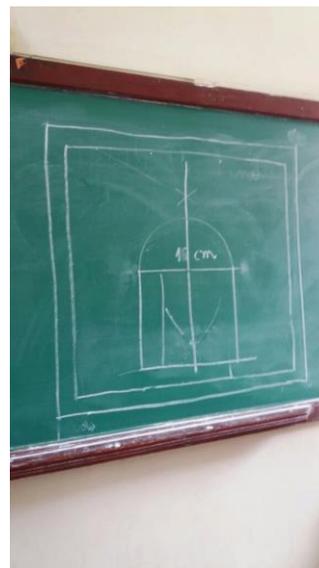
- Conhecer os alunos, a escola e a comunidade onde ela está inserida.
- Averiguar qual o entendimento dos alunos sobre o que é Patrimônio.
- Fazer uma saída de campo pelo centro histórico da cidade de Paranaguá.
- Fotografar os casarões dando uma atenção maior as janelas e as portas.
- Oferecer uma oficina de desenho geométrico em parceria com uma acadêmica do curso de Licenciatura em matemática como base nas fotografias coletadas.

4.3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A proposta foi analisar a arquitetura do Centro Histórico de Paranaguá com um olhar mais atento, tanto aos elementos geométricos presentes, quanto às concepções históricas e sociais destas construções, o movimento arquitetônico e as relações da comunidade estudantil de Paranaguá com o patrimônio histórico de sua cidade. A atividade consistiu em dois momentos: a caminhada ao Centro Histórico da cidade, seguida de uma oficina de construção geométrica com base nos elementos observados na arquitetura dos prédios visitados.



Atividades em sala de aula. Arquivo pessoal da autora.



Atividades em sala de aula. Arquivo pessoal da autora.

Quando pensamos sobre a cidade, ou sobre seu centro histórico, não podemos nos ater somente aos monumentos arquitetônicos e pensa-los de maneira isolada, mas sim nas relações que estabelecemos com esses bens e com o espaço como um todo. Jean-Marc Besse coloca em seu texto a importância de olhar a paisagem como algo ligado ao nosso cotidiano, assim para ele a paisagem é um espaço vivido onde habitamos e vivemos, desse modo o envolvimento é fundamental para pensarmos a paisagem cultural. Mas o que acontece quanto essa vivencia interrompida?



Rua da praia. Arquivo pessoal da autora.



Palácio Mathias Booh.



Saída de Campo. Praça Emir Hott.
Arquivo pessoal da autora.



Rua da Praia. Arquivo pessoal da autora.

O porto de Paranaguá situava-se na Rua da Praia, no Rio Itiberê, um braço de mar que permitia a navegação de pequenas e médias embarcações. Nesse período o fluxo de passageiros era intenso. Rota de parada entre Rio de Janeiro e Montevideo, recebia todos os dias passageiros latinos com destino ao Rio, mas que por algumas vezes acabavam não completando a viagem e se estabelecendo em Paranaguá. Nesse período a produção cultural era intensa na cidade que contava com revistas editadas e publicadas na cidade com contribuições de intelectuais de todo o Brasil, clubes sociais, de remo e regatas, tudo as margens do Itiberê. Com a inauguração do Porto Dom Pedro II em 1935, as atividades portuárias saem da Rua da Praia (atual centro histórico da cidade) para esse novo espaço levando consigo as atividades e relações ali decididas entre o porto, a Rua da Praia e a população. A partir disso houve um esvaziamento gradativo do centro histórico da cidade, ao ponto da população não se reconhecer mais nesses espaços. A falta de vivência como essa paisagem acabou por ressignificar as relações entre população e paisagem. O não caminha mais no centro histórico criou um afastamento ou uma vivência de baixa intensidade do cidadão com seus bens patrimoniais e segundo Besse:

A marcha pode ser compreendida, igualmente, como a elaboração e um espaço físico de um gênero particular: a questão é a dos ritmos espaciais e das intensidades espaciais da cidade, que não podemos sentir senão caminhando. O caminhar 'requalificar' o espaço de uma certa maneira, possui uma virtude performativa: caminhando na cidade, faço acontecer a cidade, participo na sua co-construção.'(...) Enfim a marcha pode, igualmente, ser considerada como a elaboração de uma relação específica com o espaço, ela constrói uma espacialidade específica. Uma espacialidade que repousa, em particular, na frontalidade, por exemplo, quer dizer, aqui também, nos investimentos corporais, físicos, do espaço urbano pelos sujeitos que aí se deslocam e que aí vivem. É uma experiência do espaço que é necessário distinguir das 'vistas do alto' próprias às empresas do poder

(ver como um Estado= ver do alto). O caminhar pode ser visto como uma experiência de apropriação pessoal, mas também cívica, do espaço. Marchar é transformar o espaço da cidade em história, em descrição. (BESSE, 2009 p.49)

As poucas informações acima relatadas, nos fazem pensar sobre a importância da preservação e disseminação da cultura e patrimônio parnanguara, mas ainda não refletem toda a diversidade cultural e um campo vasto de pesquisa que a cidade proporciona.

4.4 CRONOGRAMA

	Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha	Colégio Estadual Helena Viana Sundin
Primeiro contato com as escolas	15 de maio de 2017	16 de maio de 2017
Roda de conversa sobre patrimônio	05 de junho de 2017	30 de junho de 2017
Roda de conversa sobre patrimônio	01 de agosto de 2017	04 de setembro de 2017
Saída de campo	17 de agosto de 2017	09 de outubro de 2017
Oficina de Desenho Geométrico	19 de setembro de 2017	17 de outubro de 2017
Oficina de Desenho Geométrico	31 de outubro de 2017	06 de novembro de 2017

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que meu pequeno relato tenha conseguido transmitir a dimensão da importância que as vivências proporcionadas pela Ane me deram. Os meses em que convivi com os colegas e professores me proporcionou momentos inesquecíveis, tanto para minha carreira como docente quanto para minha trajetória como mulher, amiga e companheira.

Através de vivências práticas nos projetos de meus colegas, no contato com pessoas ligadas a comunidades de aprendizagem e na troca nos encontros na universidade pude aprender na prática, o que é uma educação contra hegemônica, mais que isso, a ANE me forneceu ferramentas para a resistência em quanto educadora.

E assim continuo na luta certa de que os laços tecidos na ANE continuarão a me dar o suporte para continuar a refletir sobre minha própria prática e assim plantar uma semente em todos os educadores que tiverem conta como o meu trabalho, trabalho esse que tem muito mais de meus colegas e professores do que de mim.

Meu relato se encerra aqui, mas quem passou pela ANE nunca à deixa por completo, assim sigo participando dos encontros com a nova turma da ANE onde começo a tecer novos laços de aprendizagem e amizade para começar um novo ciclo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra.- 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BESSE, Jean-Marc. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In: CARDOSO, Isabel Lopes. **Paisagem e patrimônio**. Porto: Dafne/Chaia, 2013.p.33-53.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 4ª ed. – São Paulo- SP: UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. 43ª ed.- São Paulo-SP: Paz e Terra, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias, 5ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Centauro, 2011.

MELO, Lindamara Alves de. **Projeto Itiberê: Paranaguá... um relicário cultural do Paraná**. Curitiba: Edição do Autor, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. rev. – São Paulo-SP: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2011.

SITES CONSULTADOS

<http://www.pngcaetanorochoa.seed.pr.gov.br>

<http://www.paranagua.pr.gov.br/conteudo/secretarias-eorgaos/urbanismo/patrimonio-historico>